

Nós também somos o céu

Geni Núñez

Nós também somos o céu

Geni Núñez

A violência colonial tem atingido múltiplas esferas da vida, desde a exploração das terras, matança dos rios, extinção de múltiplas espécies até a exploração do território-corpo que somos. Há nessas relações agrotóxicas uma interconexão e interdependência. A todo momento nós, povos indígenas, somos bombardeados, quando não literalmente, com notícias de leis, projetos e marcos que buscam dar seguimento à violência contra nós. Certamente, como parte da terra que somos, todas as violências contra ela também nos atingem. Mas não é disso que quero falar aqui. Teimosamente, quero falar da alegria.

Pode causar estranhamento falar de alegria justamente quando reconhecemos o cenário de colonização em que vivemos, mas, como nos ensina Cacique Babau (2019), o que mata nossos adversários é nosso sorriso. E seguimos com ele, junto a nossas lágrimas, quando nossos povos cantam, dançam, quando festejam a chegada de mais um bebezinho, quando celebram mais uma taquara de vida dos mais velhos, avôs e avós (*xamoi* e *xaryi*).

A marcação do tempo pelo ciclo da taquara é explicada pela anciã Doralice:

A taquara é muito importante na vida do Guarani. O *takuapu*, bastão musical que as mulheres batem no chão durante o canto-reza, *mborai*, é do tronco da taquara. E as mulheres usavam a geleia da taquara para amaciar a pele e o cabelo. As taquaras também oferecem *takuaraxó*, uma larva que dá no centro do tronco e serve como alimento. Essas larvas só dão a cada 30 anos, e um modo de contar a idade da pessoa é dizer

quantas taquaras ela tem. Se tem 30 anos, dizemos que tem uma taquara, se tem 60, duas. Tem gente que chega a viver três taquaras. A taquara tem um ciclo de vida, que a vida do Guarani acompanha. Com 30 anos a taquara morre, seca, depois floresce e dá essa larva, *takuaraxó*. Pelo que eu entendo, a taquara tem um sumo quando amadurece, e as larvas vão comendo esse sumo. Então a taquara seca e as sementes caem, voam por aí. Os ratinhos, os passarinhos comem as sementes, mas algumas brotam. (POTY, 2024)

Algumas brotam, seguem brotando. Por isso, nossos parentes continuam fazendo reflorestamentos: da terra, do espírito. É preciso semear também a alegria e, ao contrário do que o capitalismo nos ensina, ela não está no consumo. Disse Alberto Caeiro (PESSOA, 1993):

Às vezes ouço passar o vento e só de ouvir passar o vento
[já vale a pena ter nascido
[...]
A espantosa realidade das cousas
É a minha descoberta de todos os dias.
Cada coisa é o que é,
E é difícil explicar a alguém quanto isso me alegra,
E quanto isso me basta.

* * *

Quando falo da ideologia colonial, estou falando do que tenho chamado de sistema de monoculturas, organizado em alguns eixos como a monocultura da fé (no monoteísmo cristão), a monocultura dos afetos (na monogamia), a monocultura da sexualidade (no monossexismo) e a monocultura da terra, cuja imposição do Um antagoniza com o princípio da floresta, necessariamente múltiplo.

É difícil pensar a alegria nas monoculturas, porque o que elas ensinam é que a vida que realmente importa, a verdadeira alegria, não está aqui e sim no futuro, na ida ao céu. E com essa economia tentam fechar a conta das injustiças, dos desencontros, dos conflitos, das desigualdades. Os monocultores colonistas consolam-se dizendo que no juízo final, aí sim, tudo será colocado na ponta do lápis, que então haverá condenação para muitos e salvação para poucos. Que lá, nesse longe do tempo e do espaço, estarão aguardando a redenção e a recompensa pelas tantas renúncias que fizeram

ao longo da vida. Talvez por isso fiquem tão ressentidos quando percebem que nem todos abandonam as alegrias da vida em nome dos valores pelos quais renunciam às suas.

Há séculos nossos povos são chamados de preguiçosos, afinal, como nos ensina o mestre Nêgo Bispo, não entendemos que a terra é o lugar da maldição, que o trabalho é o castigo e o sofrimento (SANTOS, 2023). Nossos povos sempre trabalharam, cultivaram a terra, o alimento, cuidando de si, dos demais bichos e seres da floresta, praticando arte e cultura, tecnologias ancestrais, medicinas, filosofias. É irônico que quem escravizou tenha a audácia de nos chamar de preguiçosos quando recusamos servi-los, quando nos insurgimos. A urgência que o capitalismo, filho da colonização, coloca como mandatária do tempo, em que tudo precisa servir ao acúmulo, demonstra também uma dificuldade em lidar com a condição de não controle, não previsibilidade que temos sobre o amanhã.

Nessa oposição, de um lado estaria o tempo e do outro estaria a eternidade. O tempo seria uma versão fajuta, uma cópia da eternidade (PLATÃO, 2003). Enquanto a eternidade é perfeita, celeste, fixa, imutável, o tempo é passageiro, falho, traiçoeiro (MACHADO, 2021). Nas palavras de Maria Helena Augusto:

[...] a eternidade não é uma forma de tempo; a eternidade aparece, em Platão, como a negação do tempo. O tempo existe no mundo sensível como o lugar da passagem, o lugar daquilo que não permanece, como o lugar da geração e da corrupção, como o lugar do aparecer e do desaparecer; enfim, como o lugar em que nada é permanente. (AUGUSTO, 1989)

Desse mito deriva uma relação de inimizade com tudo aquilo que é temporal, que muda, que se transforma, que se movimenta. Esses fluxos são percebidos como falha e fraqueza, enquanto a eternidade divina segue como o grande modelo a ser seguido, o único caminho, a única verdade – a palavra imutável.

Talvez por isso seja tão difícil, na lógica da monocultura, falarmos de alegria e, mais ainda, vivenciá-la. Afinal, se as pessoas são ensinadas a ter consigo mesmas e com a terra uma relação de inimizade, de antagonismo, de menos-valia, de onde vem o contentamento? Se “amizade com o mundo é inimizade com deus”, então todo prazer, toda sensação de conforto em estar aqui se mostra como um perigo para a relação de fidelidade com a vida futura. Nessa lógica, só a vida futura deve ser almejada, por ela se fazem os sacrifícios. Para que o céu, o céu cristão, seja apresentado como algo

superior à terra, ela é constantemente rebaixada. Seus rios, matas, florestas, seus bichos são vistos como seres sem alma, portanto sem vaga no seletivo grupo que acessaria a eternidade divina.

* * *

É pela compreensão desse sistema de pensamento que podemos reconhecer os efeitos de suas práticas violentas. Nas monoculturas, um dos eixos centrais é o pressuposto da não concomitância: só um deus seria verdadeiro, só um amor seria legítimo, haveria apenas uma sexualidade a ser escolhida, apenas um plantio para a terra e assim por diante. Esse modo unívoco de existir só consegue se positivar na negatificação de outros seres e modos de existência, operando por meio de uma lógica parasitária. Nela, o humano seria a negação do animal, o civilizado a negação do selvagem, além de não haver coexistências: nunca azul e rosa, masculino e feminino, humano e animal ao mesmo tempo.

Alguns diriam que “a alegria da terra é passageira”. E eu pergunto: qual não é? Aliás, também a tristeza é feita de passagens, idas e vindas. “Então você trocaria algo duradouro por algo breve?” Esse é um falso dilema, porque a vida é feita de concomitâncias, de diferentes ritmos, cores, tempos. Com isso não digo que “podemos ter tudo”, há sempre algo que sobra, que resta, que falta. É justamente por isso que as alegrias, tristezas e encontros que temos são sempre parciais e passageiros – mas são tudo que temos, o que nos faz no mundo.

O cuidado de si e o cuidado coletivo é um modo de continuarmos vivendo nossas experiências parciais, pequenas e imensas ao mesmo tempo.

Sem comparar negativamente esta vida com uma outra, infinita, nesta não falta nada.

Sem comparar a mutabilidade da terra com a imutabilidade do céu, aqui não falta nada.

Sem comparar a carne com a alma, todo dia pode ser uma festa.

O voo do pássaro não é menor nem maior que o nado da baleia.

A baleia e o tubarão não deveriam ser menores do que são, é na sua grandeza que está seu brilho.

A formiguinha e o grão de areia não deveriam ser maiores do que são, é em sua pequenez que está seu brilho.

Cada existência é como deveria ser: parar de brigar e de lutar contra nossa “natureza” é um ato revolucionário. Uso o termo natureza entre

aspas porque a ideia de natureza também é uma invenção. Tomo mais uma vez as palavras de Caeiro (PESSOA, 1993):

Vi que não há Natureza,
Que Natureza não existe,
Que há montes, vales, planícies,
Que há árvores, flores, ervas,
Que há rios e pedras,
Mas que não há um todo a que isso pertença,
Que um conjunto real e verdadeiro
É uma doença das nossas ideias.
A Natureza é partes sem um todo.
Isto e talvez o tal mistério de que falam.

A obsessão por transformar as partes em um todo coerente é central na tradição eurocristã hegemônica (embora também possa estar presente, de outras formas, em outras narrativas). Essa vontade de estabilidade e imutabilidade cria a necessidade de um deus com essas mesmas características, que faltariam aos humanos, imperfeitos.

Tal busca tenta dar um sentido transcendental à existência, como se, juntas, as partes obedecessem a um todo coerente que as organizasse. Trata-se de uma vontade que é fruto da dificuldade de sustentar a falta de um único sentido, a falta de uma única ordem, origem, destino, justiça ou predestinação. Tenta-se acreditar que “tudo ocorre por um motivo”, que estaria por trás e para além da compreensão humana. Isso parece mais fácil que cogitar e afirmar que o sentido das coisas e do mundo, se é que ele existe, não é centrado no humano e muito menos é único.

* * *

Quando falamos sobre as identidades hegemônicas de gênero, acontece algo parecido. Somos ensinados a congregar características físicas e comportamentais como pertencentes ao que seria masculino ou feminino. Há esforços em movimentar essas partes: admite-se, por exemplo, que a cor rosa não é apenas feminina, ou que cabelos longos podem ser masculinos. Mas as velhas rotulações ainda persistem. Quando afirmo que não acredito na oposição entre masculino e feminino, alguns argumentam: “Então você não acredita que existam diferenças?”. Não se trata de negar a existência de preferências, gestos, comportamentos específicos, mas de negar a conclusão de

que essas particularidades seriam composições de um grande todo, universal, que lhes daria sentido: a masculinidade e a feminilidade.

Recusar a ideia do todo implode o criacionismo e a necessidade de um sentido unívoco, de um deus que ofereça significados prévios e prontos. Não se trata de negar as diferenças, mas de expandi-las – e também daí vem a alegria. Pelo menos de vez em quando eu sei (eu me lembro) que não preciso de salvação, que não estou perdida, que nossos povos nunca estiveram. Que não pertenço nem à natureza, nem à cultura, nem a nenhum outro binarismo; que sou parte, e ser parte é infinito. Que não preciso implorar perdão por pecados em que eu não acredito; que não me seduz o marketing e a propaganda que colocam a vida futura como sonho de consumo, porque eu amo esta vida, agora. Eu festejo e celebro cada folhinha, cada gota de chuva, cada grão de areia. Não reduzo o mundo ao Humano, nem acredito que, se porventura acabarem-se os humanos, haverá o fim do mundo, pois o fim do humano não é o fim do mundo. O mundo não acaba se não existimos, somos nós que não existimos sem ele.

A vida futura vale mais que esta por ser eterna, imutável e fixa? Percebo que são esses os critérios que desqualificam e desmerecem a vida que temos aqui, agora, e por isso questiono:

Um perfume é menos cheiroso porque seu aroma não dura eternamente?

Uma música é menos bonita porque dura apenas alguns minutos?

O sabor de um alimento é menos gostoso porque acaba?

O pôr do sol é menos deslumbrante porque dá lugar à noite?

Um amor não valeu a pena porque terminou ou se transformou?

O critério da eternidade desqualifica a vida.

Ao mesmo tempo que a finitude nos desafia, é ela também que nos presenteia com o retorno, e com ele podemos

Sentir novamente o perfume das flores.

Ouvir mais uma vez a mesma música.

Ouvir outras versões do mesmo som, e entoar outros tantos.

Alimentar-nos outra vez e assistir de novo ao pôr do sol.

Talvez todo amor seja à segunda, terceira, quarta... vista.

Há sempre um outro amor que o antecedeu.

Há sempre um cheiro, um gosto, um sabor, um encanto, antes e depois.

Parar de brigar com o tempo é deixar de tentar vingar-se de si, de ressentir-se com o que se foi.

Que a raiva, o medo, a frustração não se tornem bombas (auto)destrutivas, mas que sejam transmutadas em palavra, escuta, pintura, dança, lágrima, abraço.

Há sempre mais saídas e entradas possíveis do que a dor imagina: coletivizar os anseios redistribui os pesos.

Não é só a pele que se renova, as lágrimas e os sorrisos também.

Se pecar vem do latim *peccatum*, derivado do verbo *pecco*, *as, vi, ātum, are*, cujo significado é “tropeçar, dar um passo em falso; enganar-se”, seguirei em minhas errâncias. E cometeremos o pecado da preguiça, do prazer da comida, teremos o direito à ira, ao sexo não reprodutivo que chamam de luxúria, ao orgulho que chamam de soberba e à admiração não invejosa.

* * *

É do desejo de vida futura, limpa, pura e sem pecado, de um projeto de evolução e desenvolvimento baseado em uma noção de tempo progressivo e linear, que vem também a ideia de ordem e progresso. Para a sociedade dominante, nossos povos seriam o atraso, o empecilho ao desenvolvimento, enquanto os ditos “civilizados” seriam o progresso do humano, seu depuramento. Humano, nesse contexto, não se refere a uma simples descrição biológica, mas a uma ficção política. “Mate o índio nele e salve o homem” é a famosa frase do capitão genocida Richard Henry Pratt,¹ na qual se percebe a oposição entre ser indígena, ou selvagem, e ser cristão, civilizado, humano.

Quando os colonizadores chegaram aqui, eles fizeram aquela pergunta aos nossos ancestrais: “Têm alma, ou não?”. Essa pergunta buscava verificar se nós éramos humanos ou se éramos bichos, e apenas os primeiros poderiam ser catequizados, civilizados, tornados gente. Para nós Guarani, essa pergunta não tem a mesma resposta. Sim, nós temos alma, mas o rio também; o milho também tem alma, todos os seres têm espírito, e é por entender que eles são nossos parentes que os respeitamos.

Apesar disso, a colonização segue atribuindo a seus próprios valores o que haveria de mais positivo. E, a despeito de tanta violência praticada

¹ No original, “Kill the indian in him, and save the man”. Disponível em: <https://tinyurl.com/RichardHenryPratt>. Acesso em: 12 dez. 2024.

pelo humano, a sociedade dominante segue dizendo que precisamos humanizar as relações, que precisamos de ainda mais humanidade. Seguem atribuindo uma essência positiva ao que chamam de amor, de salvação, de caridade e assim por diante. Quanto mais violências são praticadas em nome desse projeto, maior e mais intensa é sua defesa.

A violência ecocida, etnocida, racista e misógina não é desvio ou desobediência, mas continuidade com o que a ideologia colonial orienta. E ainda dizem que quem pratica as monoculturas da terra, do pensamento, da sexualidade, dos afetos, é desumano, que quem pratica racismo religioso é o “falso cristão”. Não observam que aquele que age guiado por uma ideologia que postula que há apenas um deus e uma verdade, que todos os demais são falsos e devem ser destruídos, não age com incoerência, mas em harmonia com aquilo que ela prega.

É em nome dessa fé, dessa verdade supostamente universal e única, que as monoculturas buscam corrigir, curar e converter o que é dissidente. Como não são mitologias situadas e contingentes, as monoculturas não se contentam em fazer sentido apenas para um grupo, é preciso que todos sejam convertidos à sua verdade. Essas violações são especialmente desafiadoras, justamente porque operam em nome do bem e do amor, da salvação, do respeito, da família, dos bons costumes.

A maior parte das opressões não acontece em nome do mal e do ódio. Combater a força da monocultura colonial convoca a redirecionarmos nossos esforços não apenas aos discursos e práticas de ódio, mas sobretudo às narrativas de amor. É em nome do bem que a conversão cristã se fez e ainda se faz, é em nome da “cura” que as LGBTfobias se organizam, é em nome da moral e do protagonismo do humano contra os demais seres que se autorizam as explorações e chacinas aos seres ditos sem alma.

Talvez nossa maior tarefa na luta contracolonial seja lidar com o pudor que nos ensinaram a ter com tudo o que diz respeito a esse domínio, cujo questionamento soa, para muitos, como sacrílego. Talvez tenha chegado o momento de não mais nos envergonharmos em dizer: não. Vocês não têm direito de cometer violências em nome da sua fé, da sua verdade, da sua construção unívoca de mundo. É preciso resistir à tentativa de nos colonizarem. Não aceitar a colonização, mesmo que ela ocorra em nome do amor.

* * *

Em nossas cosmogonias indígenas, nunca tivemos a motivação de impor ao mundo todo a nossa perspectiva, como se ela fosse a única possível.

Nunca buscamos “converter” o planeta todo aos nossos deuses e crenças. A ideologia de um monocultivo do pensamento implica uma agenda de ação no mundo, orienta um modo de se vincular com os demais seres.

Um de seus efeitos é o que Nêgo Bispo chama de “desenvolvimento” – com o próprio corpo, com a terra. O desenvolvimento, aqui compreendido desde a potência do seu prefixo, diz de um afastamento, de si mesmo e dos demais seres, sobre o qual o sujeito da epistemologia cristã é construído. Se esta vida é imperfeita, se o mundo foi criado por e para Adão (que a tudo nomeia), se o humano foi feito à imagem e semelhança de deus e não a capivara, o rio, as joaninhas, então esses seres importariam menos ou nada em relação à centralidade do humano.

O combate ao colonialismo não deve passar pela busca de uma verdade absoluta, mas valer-se de outros critérios. Se temos diversas narrativas de mundo, para além da simplificação “verdade” ou “mentira”, que outras perguntas podemos nos fazer? E se em vez do critério da verdade suprema nos inspirarmos em pistas como: Esta narrativa de mundo promove saúde? Esta cosmogonia inspira coletividade e partilha, ou mérito, superioridade e dominação?

Se as sociedades não indígenas não se guiassem pela centralidade do humano, que outros cuidados teriam com a terra? Como cultivariam suas relações se vissem a terra como parente, como parte de si mesmos? Se seus deuses não morassem no andar de cima, mas conosco, no vento, nos rios, nas águas, como seriam seus cultos e crenças?

Nenhuma promessa de vida futura jamais será mais viva, real e mágica do que a vida que se vive agora. Quando afirmo a alegria, não estou desconsiderando a importância da tristeza, mas celebrando a possibilidade de sentirmos: do frio ao calor, do encontro ao desencontro. A colonização, quando nos coloca o peso das opressões, tenta nos roubar inclusive o direito a uma tristeza que também seja orgânica, viva. Por isso reafirmo meu carinho pelo mundo, tomando o cuidado de não o resumir nem à violência praticada pelos humanos, nem à promessa de uma vida infinita, eterna, superior a esta. Se vejo a beleza do pôr do sol, não preciso acreditar que há outro, mais bonito, que eu ainda não vi. A existência das árvores só comprova a existência das árvores e a existência do vento só atesta que o vento existe.

Enquanto não combatermos a monocultura do pensamento, não será possível reflorestar nossa existência. Quem aqui não está, que não assine seu nome no que existe. Não precisamos do milagre da exceção, em que poucos recebem as bênçãos da multiplicação dos pães, da água, do vinho. Se nossa fé não move as montanhas, elas já nos dão os frutos. Se somos nutridos

pela água da chuva, que também alimenta os rios, os mares e as florestas, e se essa mesma água, que cai do céu e para ele volta, também compõe nossos corpos, então nós também somos o céu.

Referências

AUGUSTO, Maria Helena Oliva. Estudos sobre o Tempo: O tempo na Filosofia e na História. Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (IEA/USP). Transcrição da mesa-redonda *O tempo na Filosofia e na História*, 29 maio 1989.

BABAU, Cacique. O que mata nossos adversários é o sorriso. Entrevista à plataforma *Mídia Ninja*. 2019. Disponível em: <https://midianinja.org/news/cacique-babau-o-que-mata-nossos-adversarios-e-o-sorriso/>. Acesso em: 12 dez. 2024.

MACHADO, Roberto. *Nietzsche e a verdade*. Rio de Janeiro: São Paulo: Paz & Terra, 2021.

PESSOA, Fernando. *Poemas de Alberto Caeiro*. 10. ed. Lisboa: Ática, 1993.

PLATÃO. *Timeu*. Trad. Maria José Figueiredo. Coleção Pensamento e Filosofia. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

POTY, Papá Miri. Quase não tem mais taquara no mato. *Portal Pib Socioambiental*. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/%22Quase_n%C3%A3o_tem_mais_taquara_no_mato%22. Acesso em: 12 dez. 2024.

SANTOS, Antônio Bispo (Nêgo Bispo). *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu/Piseagrama, 2023.

Nosso agradecimento aos apoiadores da campanha

Colofão – Financiamento coletivo da Chão da Feira

Larissa Franco	Bernardo Esteves	Octavio Scapin Costa
Guilherme Gontijo Flores	Gonçalves da Costa	Pereira
Rosa Cristina Vieira	Rafael Barros Gomes	Marisol Barenco Mello
Silvia Amelia Nogueira	Juliana Garcia Teixeira	Douglas Cristiano Silva
Mayara Blasi	Mariana Mól	Filipe Costa Silva
Debora Salomao	Paula de Souza Carmo	Diogo Silva Da Cunha
Valeska Alves-Brinkmann	Milene Migliano Gonzaga	Ewerton Belico de Sousa
Rafael Camisassa	Maria de Fátima	Thiago Panini Primolan
Patrícia Mourão	Junqueira Fenati	Sofia Salustiano Botelho
Karine Assis	Guilherme Freitas	Claudia Gimenez
Lilian Jacoto	Bernardo Romagnoli	Victor Guimaraes
Ana Martins Marques	Bethonico	Nina de Figueiredo Brina
Elisa Marques	Nadia Rodrigues	Aragon
Michelle Santos Sena	de Figueiredo	Rita Davis Cavalcanti
de Oliveira	Mariana Moura Cruz	Amir Brito Cador
Aline Magalhães Pinto	Mariana Zani	Natalia Timerman
Julia Baumfeld Machado	Julia Panadés	Rafael Souza de Oliveira
Joao Guimaraes	Felipe Chemicatti	Mariana Lage
Julia Raiz do Nascimento	Larissa Lins	Ana Paula Silva de Assis
Lia Baron	Nathalia Scherer	Flavia Andrade Mafra
Paulo Andre	Diogo Cronemberger	Luiz Eduardo Araripe
Felipe Magalhães	Renata Hesseler Kreutz	Pretti Miranda
Joana Tavares Pinto	Carla Maia	Rita Aragão de Podestá
Maria Leite Chiaretti	Pedro Rena Todeschi	Fabiano Campelo
Flávia Drummond Naves	Leila Danziger	Bechelany
Carolina Junqueira	Laura Krebs Alvares	Icaro Ferraz Vidal Junior
Mônica de Aquino	Suzana Teixeira	Júlia Lopes
Roberta Carvalho	de Macedo	Isabela Cristina Coelho
Romagnoli	Maria Rita Drumond Viana	Amano Carmo da Mota
Desirée Kinoshita Ribeiro	Reuben da Rocha	Isaac Pinto Firmino
de Oliveira	Ana Rabello	
Tatiana Blass	Larissa Lins	
Marcella Prado	Fernanda Regaldo	
André Guimarães Brasil	Herbert Baioco	
Paula Oliveira	Olivia Loureiro Viana	
Camila Lombardi Torres	Lucia Campos	

Caderno de Leituras n. 182 / 2025

Nós também somos o céu

Geni Núñez

Edição

Maria Carolina Fenati

Preparação de texto

Luísa Rabello, Maria Carolina Fenati

Revisão

Andrea Stahel

Projeto gráfico

Luísa Rabello

Coordenação da coleção

Luísa Rabello, Maria Carolina Fenati

Composto em Suisse Works e PP Neue Montreal

ISSN 2764-3301

Edições Chão da Feira

Belo Horizonte, julho de 2025

Esta e outras publicações da editora

estão disponíveis em www.chaodafeira.com